

D6 DIÁRIO DE PERNAMBUCO - RECIFE, DOMINGO, 11 DE JANEIRO DE 2004

Maracatus sem dinheiro no caixa

Mestres reclamam dos cachês abaixo da média no Carnaval e da condição de pobreza associada aos grupos

Michele de Assumpção

DA EQUIPE DO DIÁRIO

No morro mais artisticamente ativo do Recife, o Alto José do Pinho, estará acontecendo hoje uma cena inédita e histórica. Considerado um mestre de percussão, mas longe de ser um mestre do maracatu, Naná Vasconcelos estará na sede do Estrela Brilhante, comandando um ensaio com seus mais de 80 batuqueiros, sob a permissão do seu verdadeiro mestre, o Walter. O encontro de Naná com os tocadores vai se repetir em mais nove sedes de cada um dos grupos que farão parte do já tradicional espetáculo de abertura do Carnaval recifense, quando mais de 300 tocadores se juntam no mesmo baque. Esse ato ilustra um momento importante vivido pelos maracatus, de discussões e mudanças.

MAIS QUE DINHEIRO, INTERESSA ÀS AGREMIÇÕES MANTER A TRADIÇÃO DOS BAQUES, MAS ELAS RECONHECEM QUE ESSE ESFORÇO CUSTA CARO

mento da cota de subvenção que é pago pela Prefeitura através da Federação Carnavalesca, e eles ficaram de fazer diferente esse ano", conta Naná Vasconcelos, que também preocupou-se, este ano, em ensaiar com os grupos, evitando que a vaidade e o sentimento de disputa atrapalhasse o espetáculo, que deve ser de união.

"Ganham mais as produtoras que vão trabalhar com os maracatus do que os próprios grupos. O pessoal da comunidade acha que a gente está ganhando dinheiro, mas mostro a eles que não é verdade", diz mestre Afonso Gomes, do Leão Coroado. Ele conta que não consegue pagar a seus batuqueiros. Com o dinheiro das apresentações, o máximo que consegue é comprar cestas básicas ou ajudar com remédios. "Nós vivemos no descaso, ninguém está ligando", diz ele. Dinheiro é importante, claro, mas os maracatus parecem ter se acostumado a viver sem ele.

Aos grupos importa mais os conceitos, a tradição. Mestre Afonso reclama da atual comissão julgadora dos maracatus na Avenida. "Estão premiando quem não sabe o que é um maracatu", diz ele, que diz ter assumido um compromisso com o lendário mestre Luiz de França (Elefante) de nunca



Produto de exportação, cartão postal do Estado, símbolo de identificação

Porto Rico ostenta modernizações com os atabaques e defende ligações com o candomblé: cada um trabalha do seu próprio

N o morro mais artisticamente ativo do Recife, o Alto José do Pinho, estará acontecendo hoje uma cena inédita e histórica. Considerado um mestre de percussão, mas longe de ser um mestre do maracatu, Naná Vasconcelos estará na sede do Estrela Brilhante, comandando um ensaio com seus mais de 80 batuqueiros, sob a permissão do seu verdadeiro mestre, o Walter. O encontro de Naná com os tocadores vai se repetir em mais nove sedes de cada um dos grupos que farão parte do já tradicional espetáculo de abertura do Carnaval recifense, quando mais de 300 tocadores se juntam no mesmo baque. Esse ato ilustra um momento importante vivido pelos maracatus, de discussões e mudanças.

MAIS QUE DINHEIRO, INTERESSA ÀS AGREMIAÇÕES MANTER A TRADIÇÃO DOS BAQUES, MAS ELAS RECONHECEM QUE ESSE ESFORÇO CUSTA CARO

Produto de exportação, cartão postal do Estado, símbolo de identificação cultural, à manifestação ainda não é dado o devido valor.

Todo ano é a mesma coisa, dizem os maracatuzeiros. As melhoras vêm a *conta gotas*. Eles ainda recebem mal, tiram dinheiro do próprio bolso ou pedem emprestado para terminar as fantasias, confeccionar os adereços e, o que é mais caro, comprar peles novas para as alfaías (bombos de maracatu), que custam caro e têm que ser trocadas todos os anos. Pronto o maracatu, terminadas as obrigações de Carnaval, não sobra dinheiro para pagar a todos os integrantes. A despesa de um grupo gira em torno de R\$ 10 mil, mas geralmente não tiram mais que R\$ 8 mil. Isso para um grupo de grande porte, que consegue mais apresentações.

É consenso geral que a Prefeitura

mento da cota de subvenção que é pago pela Prefeitura através da Federação Carnavalesca, e eles ficaram a fazer diferente esse ano", conta Naná Vasconcelos, que também preocupou-se, este ano, em ensaiar com os grupos, evitando que a vaidade e o sentimento de disputa atrapalhasse o espetáculo, que deve ser de união.

"Ganham mais as produtoras que vão trabalhar com os maracatus do que os próprios grupos. O pessoal da comunidade acha que a gente está ganhando dinheiro, mas mostro a eles que não é verdade", diz mestre Afonso Gomes, do Leão Coroado. Ele conta que não consegue pagar a seus batuqueiros. Com o dinheiro das apresentações, o máximo que consegue é comprar cestas básicas ou ajudar com remédios. "Nós vivemos no descaso, ninguém está ligando", diz ele. Dinheiro é importante, claro, mas os maracatus parecem ter se acostumado a viver sem ele.

Aos grupos importa mais os conceitos, a tradição. Mestre Afonso reclama da atual comissão julgadora dos maracatus na Avenida. "Estão premiando quem não sabe o que é um maracatu", diz ele, que diz ter assumido um

compromisso com o lendário mestre Luiz de França (Elefante) de nunca mudar o baque do maracatu. "Eu preciso muito de dinheiro, mas preciso mais manter a tradição do Leão Coroado, foi um pacto que fiz, não posso modernizar", diz ele. Quem assiste a uma apresentação de maracatu não entende o complexo que é a sua organização.

Não é só o baque que varia, na verdade, ele é resultado das diferentes mentalidades dos mestres que o comandam. O Porto Rico, vencedor na Avenida justamente por "ostentar" tais modernizações, defende que não é bem assim. "Resgatamos os atabaques, pois os maracatus começaram com eles, ligados ao candomblé. O xequerê dá mais brilho e é um instrumento religioso", diz Chacon.

Os maracatus podem se modernizar, não vão por isso deixar suas origens, acredita Jair Bernardino dos

Considerado um mestre de percussão, mas longe de ser um mestre do maracatu, Naná Vasconcelos estará na sede do Estrela Brilhante, comandando um ensaio com seus mais de 80 batuqueiros, sob a permissão do seu verdadeiro mestre, o Walter. O encontro de Naná com os tocadores vai se repetir em mais nove sedes de cada um dos grupos que farão parte do já tradicional espetáculo de abertura do Carnaval recifense, quando mais de 300 tocadores se juntam no mesmo baque. Esse ato ilustra um momento importante vivido pelos maracatus, de discussões e mudanças.

MAIS QUE DINHEIRO, INTERESSA ÀS AGREMIAÇÕES MANTER A TRADIÇÃO DOS BAQUES, MAS ELAS RECONHECEM QUE ESSE ESFORÇO CUSTA CARO

Produto de exportação, cartão postal do Estado, símbolo de identificação cultural, à manifestação ainda não é dado o devido valor.

Todo ano é a mesma coisa, dizem os maracatuzeiros. As melhoras vêm a *conta gotas*. Eles ainda recebem mal, tiram dinheiro do próprio bolso ou pedem emprestado para terminar as fantasias, confeccionar os adereços e, o que é mais caro, comprar peles novas para as alfaías (bombos de maracatu), que custam caro e têm que ser trocadas todos os anos. Pronto o maracatu, terminadas as obrigações de Carnaval, não sobra dinheiro para pagar a todos os integrantes. A despesa de um grupo gira em torno de R\$ 10 mil, mas geralmente não tiram mais que R\$ 8 mil. Isso para um grupo de grande porte, que consegue mais apresentações.

É consenso geral que a Prefeitura da Cidade ou o Governo do Estado não são os únicos responsáveis pela situação. Os maracatus devem, ao longo do ano, criar meios para tornarem-se auto-sustentáveis. Sozinhos, no entanto, é difícil conseguir essa estruturação. "Comecei a reunião com os grupos pedindo o adianta-

mento de disputa atrapalhasse o espetáculo, que deve ser de união.

"Ganham mais as produtoras que vão trabalhar com os maracatus do que os próprios grupos. O pessoal da comunidade acha que a gente está ganhando dinheiro, mas mostro a eles que não é verdade", diz mestre Afonso Gomes, do Leão Coroado. Ele conta que não consegue pagar a seus batuqueiros. Com o dinheiro das apresentações, o máximo que consegue é comprar cestas básicas ou ajudar com remédios. "Nós vivemos no descaso, ninguém está ligando", diz ele. Dinheiro é importante, claro, mas os maracatus parecem ter se acostumado a viver sem ele.

Aos grupos importa mais os conceitos, a tradição. Mestre Afonso reclama da atual comissão julgadora dos maracatus na Avenida. "Estão premiando quem não sabe o que é um maracatu", diz ele, que diz ter assumido um

compromisso com o lendário mestre Luiz de França (Elefante) de nunca mudar o baque do maracatu. "Eu preciso muito de dinheiro, mas preciso mais manter a tradição do Leão Coroado, foi um pacto que fiz, não posso modernizar", diz ele. Quem assiste a uma apresentação de maracatu não entende o complexo que é a sua organização.

Não é só o baque que varia, na verdade, ele é resultado das diferentes mentalidades dos mestres que o comandam. O Porto Rico, vencedor na Avenida justamente por "ostentar" tais modernizações, defende que não é bem assim. "Resgatamos os atabaques, pois os maracatus começaram com eles, ligados ao candomblé. O xequerê dá mais brilho e é um instrumento religioso", diz Chacon.

Os maracatus podem se modernizar, não vão por isso deixar suas origens, acredita Jair Bernardino dos Santos, diretor do Estrela Brilhante. Ele não vê problema na inovação dos baques e acredita que maracatu vive mesmo das disputas. "Colocamos agogô, caixa de guerra e alfaías, isso é o tradicional, mas cada um trabalha do seu jeito", diz ele.

Marciano diz que sofreu represália

A liberdade de pensamentos dentro do maracatu é uma prática que comumente leva a mal entendidos, como o que tirou o Cambinda Estrela, de Chão de Estrelas, do evento de abertura. O seu mestre, Ivaldo Marciano, criticou a homogeneização dos grupos, disse isso em entrevista na televisão, causando um mal estar entre os participantes. Foi excluído pela própria PCR, que o incluirá apenas na Noite dos Tambores Silenciosos. “Esse evento é uma dívida com a comunidade afrodescendente, mas isso não significa que vamos ficar calados e aceitar tudo”, diz ele.

Segundo Ivaldo, o Cambinda é feito para divertir, mas também para discutir questões pertinentes à sua comunidade. O Secretário de Cultura Roberto Peixe tergiversou e disse que nenhum grupo está fora do Carnaval, que polêmicas desse tipo são normais. Também reconhece a pobreza dos maracatus, mas diz que o Estado não pode



Leão Coroado
ensaia com o
percussionista
Naná
Vasconcelos

adotar uma postura paternalista.

Lindivaldo Júnior, diretor do núcleo afro da Prefeitura do Recife, que teria pedido a retirada do Cambinda do evento, diz que esse ano os maracatus receberão mais pelas apresentações, cerca de R\$ 4,5 mil só pelo evento de abertura, incluindo R\$ 700 pelos ensaios. Mas valor é a terça parte de um cachê de uma banda de porte médio do Recife.

“O dinheiro é pouco, mas não dá para pensar que os 21 maracatus

vão conseguir grana como se fossem uma banda de porte médio”, argumenta Piedade Marques, assessora do Núcleo Afro. A reflexão desses vários pontos de vista têm, de alguma forma, tirado os maracatus do ostracismo. Estão mostrando que são mais que agremiações, mas também comunidades pensantes, ativas, patrimônio de conhecimento e tradições que precisam ser mantidos. O maracatu não quer só passar, ele quer também ficar.

Artista tem encontro com agremiações

Glauco Spindola/Arquivo



As prévias carnavalescas do Recife estão a todo vapor neste sábado. Na capital do Estado, a folia tem vez hoje sob o comando do multiartista Antônio Carlos Nóbrega. A proposta é promover um encontro dele com diversas agremiações da cidade até a próxima terça-feira. Antônio Carlos Nóbrega começa os encontros hoje, às 11h, no Boi Faceiro, na rua Jorge Lobo, 41, no bairro dos Coelhos.

No domingo, Antônio Carlos Nóbrega tem um dia cheio. Inicia os ensaios a partir das 10h30, no Urso Mimoso de Afogados, na rua Aparecida, 74, em Afogados. De lá segue, a partir das 16h, para o Afoxé Alafin Oyó, na Ladeira da Sé, 54, no Carmo, em Olinda. Às 17h30, é a vez do maracatu Estrela Brilhante, na rua Tuína, 15, no Alto José do Pinho, receber o artista. O último encontro do dia está marcado para às 19h no Caboclinho Sete Flechas, na rua Travessa Dawsley, casa 4, 66, em Água Fria.

Nos ensaios, Antônio Carlos Nóbrega vai realizar um intercâmbio cultural com os músicos e mestres das agremiações e vai cantar junto com eles. Também será escolhido e ensaiado o repertório que embalará a festa de encerramento do Carnaval Multicultural do Recife 2004, na terça-feira (24), no Marco Zero, no Bairro do Recife.

Na segunda-feira, às 19h, a programação continua no Clube Reisado Imperial, na rua Aparichuma, 84, na Bomba do Hemetério. No mesmo dia, às 20h30, quem recebe Nóbrega é o Batutas de Água Fria, na rua Egas Muniz,



Nóbrega fará apresentações

184, em Água Fria. No último dia dos ensaios, a proposta é passar, às 19h, pelo bloco Madeira do Rosarinho, na rua Salvador Sá, 64, no Porto da Madeira, no Rosarinho, de onde ele seguirá para um último ensaio na escola de samba Galeria do Ritmo, no Morro da Conceição, em Casa Amarela.

FESTA - O desfecho está programado para as 20h30. Depois dessa bateria de frevo, maracatu, afoxé, caboclinho e samba, os foliões somente verão apresentação de Antônio Carlos Nóbrega com músicos de sua orquestra e representantes de agremiações no dia 10 e 12 de fevereiro, das 16h às 20h, no teatro Santa Isabel.

Quem quiser curtir um Carnaval no estilo festa de clube, hoje também tem a primeira apresentação no Carnaval 2004 do bloco *Eu Quero Mais*. A festa é às 21h, no Circulo Militar, na Av. Agamenon Magalhães, 2187. Os ingressos serão vendidos por R\$ 8,00.

Ceroula faz arrastão pelas ruas de Olinda

Quarenta e dois anos de Carnaval nas ruas históricas de Olinda precisam ser lembrados com muita festa. A *Ceroula*, uma das troças carnavalescas mais tradicionais da cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, anima as prévias olindenses com uma comemoração no Clube Atlântico de Olinda, a partir das 13h deste domingo. A *Ceroula* é conhecida como a agremiação mais machista do Carnaval, já que no desfile só tem homens. Mulher, só se for observando do lado de fora ou então a cada dez anos, quando abrem uma chance para o público feminino entrar na farra.

Depois da festa no Clube Atlântico, a troça sai em arrastão animada pela orquestra de metais de Oséas. O percurso passa pela avenida da Liberdade, Bonfim, Ladeira da Misericórdia, Bernardo Vieira de Melo e São Bento. A festa só acaba na 15 de Novembro. No clube, a folia será animada pelas bandas Tropical e Ritmo Quente, grupo D'Breck e o cantor Claudionor Germano, que é o homenageado do ano do bloco.

A *Ceroula* foi fundada em 1962, como dissidência da troça *Pijama*, e atrai uma multidão todos os anos. No período em que algumas agremiações se negaram a desfilar nas ruas da Cidade Alta por conta do número exagerado de pessoas brincando o Carnaval e do som mecânico nas janelas dos casarios, a troça insistiu em manter a tradição e nunca deixou de participar um ano sequer da folia.

ENSAIOS - Para aqueles que preferem começar a brincar um pouco mais tarde, hoje também é dia de festa em Olinda do bloco *Quase que não Sai*, no Clube Vassourinhas, a partir das 18h. Assim como ontem, domingo também é dia dos ensaios de Antônio Carlos Nóbrega com agremiações carnavalescas nas sedes de clubes recifenses e olindenses.

A primeira agremiação a ser visitada por Nóbrega será o *Urso Mimoso de Afogados*, às 10h30. O endereço é rua 74, no bairro do Recife. O artista segue depois para Olinda, onde participa do ensaio do *Afoxé Alafin Oyó*, às 16h, na Ladeira da Sé. O rabequeiro e dançarino sai da Cidade Alta e volta ao Recife, para acompanhar a saída do *Maracatu Estrela Brillhante* da sua sede, na rua Tuína, 15, Alto José do Pinho. A última agremiação visitada será o *Caboclinho 7 Flechas*, na rua Travessa Dawsley, em Água Fria. O ensaio está programado para as 19h.

Nóbrega pretende realizar um intercâmbio cultural com os músicos e mestres das agremiações e vai cantar junto com eles. Participando dos ensaios das agremiações, ele também quer definir o repertório da festa de encerramento do *Carnaval Multicultural do Recife 2004*, no dia 24 de fevereiro, no Marco Zero.

Nesta segunda-feira, às 19h, o artista continua suas visitas no *Clube Reisado Imperial*, na rua Aparichuma, 84, na Bomba do Hemetério. No mesmo dia, às 20h30, quem recebe Nóbrega é o *Batutas de Água Fria*, na rua Egas Muniz, 184, em Água Fria.

BRASÍLIA TEIMOSA

Nasce mais um maracatu mirim

A história de luta e resistência da comunidade de Brasília Teimosa confunde-se com as experiências dos seus movimentos culturais. Sobre tudo quando estes envolvem as crianças. Depois do maracatu Nação Erê, está lançado mais um grupo artístico no bairro. Trata-se do Maracatu Nação do Flau Filhos de Olorum. Composto por 60 crianças e adolescentes com idade entre 8 e 14 anos, o Nação do Flau é fruto de um trabalho de arte-educação desenvolvido no Centro Educacional Profissionalizante do Flau (CEPF). Os menores são moradores das palafitas e das áreas de maior degradação social de Brasília Teimosa. E o grupo já come-

ça com pequenas apresentações pela cidade, como nesse domingo, no Colégio Nóbrega, e na próxima segunda-feira, a partir das 18h, em Brasília Teimosa, na festa de batismo.

Alguns instrumentos foram comprados com recursos próprios, outros foram confeccionados pelos integrantes da oficina de percussão do Flau, que também oferece aulas de religião, informática, danças populares, além de visitas domiciliares e orientação educacional. Fundado em 1982, a origem do nome está na Turminha do Flau, um grupo de adolescentes que andavam pela comunidade vendendo picolé de saquinho.

O Maracatu do Flau é o segundo

grupo de maracatu infantil formado dentro de Brasília Teimosa. O Nação Erê, grupo que inaugurou a experiência de educar as crianças através do batuque do maracatu, teve enorme repercussão, chegando a participar de festivais de percussão fora do Estado, como o PercPan, em Salvador, a convite de Naná Vasconcelos. Mica Silva, coordenador do grupo, diz que o objetivo de ambos os projetos é educar através da arte, oferecendo chances de profissionalização e, sobretudo, formar um adulto sensível para as manifestações culturais do Estado, seja ele ou não um participante ativo das atividades artísticas da comunidade.

“A criança que nasce hoje em Bra-

sília Teimosa já tem uma grande referência, encara o maracatu como um futuro, uma possibilidade. Eu ando pelas ruas aqui e as pessoas perguntam se há vagas no Flau”, conta Mica. Segundo ele, o processo de cultura em Brasília Teimosa não ficou apenas no nível da diversão. A arte é ainda instrumento para diminuição da violência. Outros projetos sócio-culturais no bairro contribuem para atingir essa meta. É o caso do projeto ambiental Verde é Vida, que educa através da utilização de teatro de bonecos, e a Escola Mangue, que atende filhos de pescadeiras e usa o maracatu como forma de compreensão do mundo. (Michelle de Assumpção).

Ensaio e bingo em Casa Forte

O final de semana chegou cedo para os foliões mais animados. A primeira prova de disposição é hoje no ensaio do bloco *Pára-que-dista Real*, que desfila há quatro anos no Poço da Panela. Às 21h, começam os acordes de frevo. Normalmente, a festa acontece no Café Burle Marx, na Praça de Casa Forte, mas por conta das chuvas, será no anexo do café que fica no mesmo lado da praça, número 611. Também em Casa Forte acontece o bingo do bloco *Guaianum Treloso*, às 19h, no bar de mesmo nome.

No evento serão lançadas as camisas do bloco pintadas por artis-

tas que participarão do bingo como João Câmara, Maurício Silva e Aprígio Fonseca. A noite será animada pelo músico *Ortinho* e seu projeto *Mesa de Som*. Amanhã, o Carnaval chega a Igarassu para alegrar os pacientes e funcionários do Hospital Colônia Alcides Codeceira (HCAC). Um palco será montado nas dependências da unidade e cerca de 35 integrantes da Escola Agremiação Carnavalesca Gigante do Samba irão se apresentar. O evento antecede a saída do *Bloco da Virada*, que há trinta anos leva os foliões pela avenida Barão de Vera Cruz, ao

som de orquestras de frevo.

No Recife, os maracatus comandam a festa amanhã com o encontro de Naná Vasconcelos e dos grupos Nação de Luanda, Porto Rico e Axé da Lua. O evento mudou de endereço, saindo do Espaço Badia, no Pátio do Terço, para a rua da Moeda, a partir das 19h, visando agregar mais foliões. À noite, o Rei e a Rainha do Recife serão eleitos durante o *Grande Baile Popular*, a partir das 20h, no Pátio de São Pedro. A festa será animada pela orquestra do maestro Ademir Araújo e o bloco *Eu Quero Mais*.